

AU JOUR LE JOUR

Deixem passar o francezismo do título, que hoje começa a figurar nesta pagina . . . A nova secção será sempre uma chronica, que se relacione com um facto, ou que o exponha; e o leitor verá de experiencia propria o valor dos seus collaboradores.

A EGREJA DA PENITENCIA — A FESTA DAS CHAGAS

Eamus ad montem — Põe o chapéu e vamos, alli, ao morro de Sancto Antonio, apreciar a restauração da egreja da Penitencia e admirar o célebre painel do pintor José de Oliveira. É hoje o dia da festa das Chagas, e, antes que o templo se encha de povo, vamos lá num pulo.

Evitemos a mme. Fauchon; o Fontenay e o Fernando seriam capazes de com suas amabilidades costumeiras demorar-nos a viagem.

Dobremos a esquina da rua dos Latoeiros: ao longe verás o Palacio de Christal, tão celebre nas chronicas de outro tempo. Conta-se que, chegando aqui uma familia estrangeira e ouvindo fallar d'este *estabelecimento*, desejara muito admirar as curiosidades que deveriam existir lá dentro. Por motivos muito decentes não foi possível satisfazer tão innocente desejo. Para mim, segundo um palpite, está alli o sobradinho em que morava o ourives Domingos Fernandes da Cruz e onde foi preso o Tiradentes.

Olha a casa das *Bichas monstro*; dizem ter morado nella o mavioso poeta Gonçalves Dias, e por isso a rua mudou de nome; — tambem já não havia latoeiros. Vê a antiga casa do collegio Victorio, onde aprendi o *a-b-c* e tive a honra de ter como contemporaneo o Lulú Senior. Atravessamos a rua do Cano e o largo da Carioca; — aqui existia uma columna de pedra ou antes um chafa-

riz, no qual tomavam água as célebres carroças de pipas. Eis-nos em frente da magnífica escadaria, que tem à direita o monumental Hospital da Ordem 3.^a da Penitência. Lá iremos algum dia; subamos.

No meu tempo a escada era menos larga e mais comprida, pois não havia o grande pátio logo em seguida ao portão; para compensar, a escadaria era bordada de um lado e de outro por pequenas grutas e fontes, bancos de mármore ornamentados de bellos trabalhos de conchas, obras naturalmente do Xavier. Atravéssemos este pequeno portão construído em 1800, e entremos na ladeira. Por ali descia a célebre procissão de Cinza, que levava treze andores.

Pergunta á tua sogra, que, naturalmente foi de anjo muitas vezes, o que era essa cerimonia religiosa, a qual faz vir lagrimas aos olhos dos devotos, que não se podem conformar com o positivismo de hoje e com a separação entre a Igreja e o Estado, sem lembrar que essa procissão já no tempo do Imperio, isto é, desde 1860 ou 1862, não fazia o costumado trajecto.

Nunca me lembro da quarta-feira de Cinzas, que não me venha á mente um episodio da minha vida de menino. Eis o caso: um parente meu, depois de encher-me de doces na confeitaria do Philippe José Gonçalves (que tinha de proposito decepado um dedo para não servir no exercito da sua terra), e querendo obsequiar minha familia, deu-me a segurar uma esplendida empada de palmito e camarão.

Alli pela altura da igreja do Parto deu-me a tentação de com a unha furar a casca da referida empada, para tomar-lhe o gosto. Ao chegar á casa vi com surpresa que o caldo havia transmigrado para a minha calça e jaleco novos, feitos a capricho pelo velho Severo, ex-escravo da casa do avô do nosso amigo Juca Figueiredo.

De levar uma tunda escapei, mas fui condemnado a não provar da petisqueira e vêr os outros saboreá-la. Mais tarde comprehendí que esse era o supplicio de Tântalo, e quando ouço ou leio empregada essa figura lembro-me sempre da célebre empada de quarta-feira de Cinzas.

O terreno em que está edificada a igreja da Penitência custou em 1653 a fabulosa quantia de 50\$, e cada braço dessas muralhas a quantia de 5\$, pagas ao constructor Paulo Ribeiro em 1714.

A Ordem 3.^a foi fundada em 1618 na capella da Conceição, dentro da igreja vizinha de Sancto Antonio por Luiz de Figueiredo e sua mulher.

A primeira festa teve lugar em 17 de Setembro de 1622, e a inauguração do novo templo em 4 de Outubro de 1773. Não te conto hoje a historia dessa respeitavel confraria cujos serviços á Religião e á Caridade são assaz conhecidos. O tempo é pouco para admirarmos o grande quadro da apothese de S. Francisco, pintado pelo artista brasileiro José de Oliveira, cujo dia de nascimento e morte são completamente ignorados.

Deante desse quadro do discipulo de frei Ricardo do Pilar se extasiavam todos quantos visitavam outr'ora o templo do patriarcha de Assis.

O grande pintor francez Debret aponta-o a seus discipulos como uma obra prima, e Manuel Araujo Porto Alegre não cessava de tecer encomios — á *sciencia da perspectiva*, á *valentia do claro escuro* e á *riqueza de imaginação poetica* que formavam o apagaio daquelle grande quadro.

Em 1732 contractou a Ordem com Caetano da Costa Coelho a pintura da igreja, bem como todo o douramento della, pela quantia de 6:100\$, e é por isso que nos livros dessa corporação não figura o nome de José de Oliveira, conservado todavia pela tradição e pelo testemunho dos contemporaneos, como muito bem explica o referido Porto Alegre: o empreiteiro tomava a si a obra e convidava os outros artistas de que carecia. Sendo preciso retocar o grande quadro, foi chamado por João Antonio Turco o pintor João Gonçalves, o *Aleijadinho*, que no pensar de Moreira de Azevedo não ousou tocar no primor do grande artista e só se limitou a restaurar os paineis das paredes lateraes do templo.

Com o andar dos annos o quadro de José de Oliveira estava completamente ennegrecido, bem como todo o dourado.

Tinha-se quasi completamente perdido a esperança de resuscitar as bellezas primitivas desse grande trabalho, quando em boa hora a Mesa Administrativa da Ordem, tendo á sua frente como ermão ministro o sr. Rodrigo Venancio da Rocha Vianna, e tendo conhecimento das habilitações provadas do conhecido artista Thomaz Driendl, commetteu-lhe a empreza de restaurar tantos primores. Por escriptura lavrada em 8 de Julho de 1895, acceitou Driendl a difficil quanto honrosa incumbencia, da qual se saüu por maneira brilhante, e da qual é testemunho tudo isto que estás devorando com olhos de quem sabe apreciar essas cousas.

Confesso que na Europa poucas cousas ha equivalentes á igreja da Penitencia da minha terra; tal é pelo menos a opinião do nosso illustrado Ferreira Vianna, que, como tu, tambem tem viajado muito.

Armados os andaimes, deu começo Driendl ao seu trabalho; sobre elles collocou trilhos, por onde corria um grande tablado, onde o pintor tinha a sua caixa, tinha o seu *atelier*, para o qual encanou o gaz. Ahi passava longas horas do dia em incessante trabalho, e mesmo de noite se levantava inspirado e como por milagre parecia ser o proprio José de Oliveira, que, passados tantos annos, recompunha o que fizera, fazendo reviver a sua querida obra, o mais bello sonho da sua mocidade de artista.

Tanta dedicação caro custou ao Driendl.

Uma noite sentiu-se vivamente incommodado; tal era a força dos ingredientes empregados, que o artista julgou ir morrer envenenado. Descer anhelante da sua gigajoga, abrir a porta da igreja, e vir respirar cá fóra um ar mais oxygenado, foi obra de um instante.

Depauperado por algum tempo, Thomaz abandonou o trabalho, a conselho do medico, e foi retemperar as forças longe desta capital. Voltou mais forte; com força de vontade tomou de novo os pinceis e deu por finda a sua gloriosa tarefa.

Tantos sacrificios foram plenamente coroados pelos applausos dos entendidos, pelos elogios da imprensa e pela admiração do povo desta cidade, o qual em continua romaria tem vindo aqui apreciar o que póde o talento unido a uma singeleza de espirito e a uma modestia ultra-franciscana.

Por processos chimicos conseguiu dar ao dourado da igreja, o primitivo brilho, e ella ostenta hoje os primores esculpturaes do estylo barrôco em voga nos nossos templos. De escuro, que dantes era, o templo tornou-se claro, e, quando aberta a porta principal, a luz entra a jorro, é indescriptivel; não se descrevem as impressões sentidas, e a gente curva-se maravilhado deante da realidade — do bello e do sublime. O que admira é o facto de, não havendo eschololas nos tempos passados entre nós, o Brasil tenha produzido artistas como os que figuraram na galeria da antiga Eschola de Pintura fluminense.

Com José de Oliveira produziram obras notaveis: Muzzi, Raimundo, Leandro Joaquim, Manuel da Cunha, José Leandro, João de Sousa, e tantos outros.

Não nos faltam nem faltarão aptidões, como bem no-lo provou o meu amigo Pires de Almeida ainda ha pouco, em todos os ramos das artes, das lettras e das sciencias, em um longo e bem elaborado estudo estampado nas colunas do *Jornal do Commercio*.

Confessa, meu caro leitor, que não perdeste o teu tempo, e orgulha-te de ser brasileiro.

Dizem que no Brasil tudo é grande, excepto o homem; eu direi que elle é pequeno, porque quer.

Não mais, Musa, como disse o Camões.

Basta; ficam para outra vez os dados historicos, ácerca da Ordem da Penitencia e de seu grande hospital.

A festa vai começar, promette ser brilhante, e as harmonias instrumentaes me fariam não ser ouvido por ti; mesmo porque, si continuassemos a palestra, corriamos o risco de ser postos no ôlho da rua como dous *gyras* ou perturbadores da ordem. Nada d'isso. Nada de conflictos.

Rio, 18 de Setembro de 1896.
